



André Luiz, um Herói Espírita? *Explorando a Coleção 'A Vida no Mundo Espiritual'* *de Chico Xavier*

Jander Fernandes Martins¹
Vitória Duarte Wingert²

Resumo: O presente trabalho analisa a coletânea espírita “A Vida no Mundo Espiritual” psicografada pelo médium brasileiro Chico Xavier e atribuída ao espírito André Luiz, à luz do referencial teórico de Joseph Campbell, a Jornada do Herói (1949). Objetivando responder a pergunta-problema: *O impacto e a influência na cultura brasileira da coletânea “A Vida no Mundo Espiritual”, psicografada por Chico Xavier e atribuída ao espírito André Luiz, devem-se à estrutura narrativa de acordo com as etapas do Trajeto do Herói de Joseph Campbell?* Buscou-se mapear os elementos-chave da jornada do herói nas treze obras assinadas pelo autor espiritual, destacando a convergência entre a estrutura narrativa espírita e os padrões mitológicos de Campbell. A hipótese central aqui explorada, gira em torno da possibilidade de ser a estrutura narrativa o fator causal do impacto cultural e religioso desta literatura mediúnica na cultura espírita e brasileira. A discussão resultante desta análise triangulada, enfatiza pontos centrais recorrentes nas obras, identificando similaridades episódicas entre o protagonista André Luiz e as etapas do caminho do herói, sugerindo sua caracterização como um “herói (desencarnado)” na perspectiva campbelliana. Considera-se tal empreendimento, profícuo e seminal, uma vez que lança novas luzes sobre o fenômeno espírita brasileiro, abrindo novos horizontes de pesquisa e estudos acerca da literatura espírita brasileira.

Palavras-chave: André Luiz; antropologia; Chico Xavier; espiritismo; trajeto do herói.

André Luiz, a Spiritist Hero?

Exploring the Collection ‘Life in the Spiritual World’ by Chico Xavier

Abstract: This study analyzes the spiritist collection “Life in the Spiritual World,” psychographed by the Brazilian medium Chico Xavier and attributed to the spirit André Luiz, in light of Joseph Campbell’s theoretical framework, The Hero’s Journey (1949). It aims to answer the research question: Is the impact and influence of the collection “Life in the Spiritual World,” psychographed by Chico Xavier and attributed to the spirit André Luiz, on Brazilian culture due to its narrative structure in accordance with the stages of Joseph Campbell’s Hero’s Journey? The study seeks to map the key elements of the hero’s journey in the thirteen works signed by the spiritual author, highlighting the convergence between the spiritist narrative structure and Campbell’s mythological patterns. The central hypothesis explored here revolves around the possibility that the narrative structure is the causal factor of the cultural and religious impact of this mediumistic literature on Brazilian and spiritist culture. The discussion resulting from this triangulated analysis emphasizes recurring central points in the works, identifying episodic similarities between the protagonist André Luiz and the stages of the hero’s journey, suggesting his characterization as an “(disincarnated) hero” in Campbell’s perspective. This undertaking is considered fruitful

¹ Doutor em Processos e Manifestações Culturais. Universidade FEEVALE, Prefeitura Municipal de Campo Bom, Novo Hamburgo. Rio Grande do Sul.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1800-8727>

E-mail: martinsjander@yahoo.com.br

² Mestra em Processos e Manifestações Culturais (Universidade FEEVALE). Doutoranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social (Universidade FEEVALE). Prefeitura Municipal de Campo Bom. Novo Hamburgo. Rio Grande do Sul.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6514-4502>

E-mail: vitoriawingert@hotmail.com



and seminal, as it sheds new light on the Brazilian spiritist phenomenon, opening new horizons for research and studies on Brazilian spiritist literature.

Keywords: André Luiz; Anthropology; Chico Xavier; Spiritism; Hero's Journey.

André Luiz, ¿un héroe espírita?

Explorando la colección 'La vida en el mundo espiritual' de Chico Xavier

Resumen: Este trabajo analiza la colección espírita "A Vida no Mundo Espiritual" psicografiada por el médium brasileño Chico Xavier y atribuida al espíritu André Luiz, a la luz del marco teórico de Joseph Campbell, El viaje del héroe (1949). Con el objetivo de responder a la pregunta problema: El impacto y la influencia en la cultura brasileña de la colección "A Vida no Mundo Espiritual", psicografiada por Chico Xavier y atribuida al espíritu André Luiz, se deben a la estructura narrativa según las etapas del Camino del héroe de Joseph Campbell? Buscamos mapear los elementos clave del viaje del héroe en las trece obras firmadas por el autor espiritual, destacando la convergencia entre la estructura narrativa espiritista y los patrones mitológicos de Campbell. La hipótesis central explorada aquí gira en torno a la posibilidad de que la estructura narrativa sea el factor causal del impacto cultural y religioso de esta literatura mediúmnica en la cultura espírita y brasileña. La discusión resultante de este análisis triangulado enfatiza puntos centrales recurrentes en las obras, identificando similitudes episódicas entre el protagonista André Luiz y las etapas del camino del héroe, sugiriendo su caracterización como un "héroe (incorpóreo)" en la perspectiva campbelliana. Este emprendimiento se considera fructífero y fundamental, ya que arroja nueva luz sobre el fenómeno espírita brasileño, abriendo nuevos horizontes de investigaciones y estudios sobre la literatura espírita brasileña.

Palabras Clave: André Luis; antropología; Chico Xavier; espiritismo; El camino del héroe.

Introdução

Desde os primórdios da humanidade, a busca pelo entendimento do mundo espiritual tem sido uma constante entre as diferentes culturas e civilizações. No entanto, foi no século XIX, na França, que uma nova abordagem para o contato com o além se desenvolveu de forma sistemática e científica, dando origem ao espiritismo kardecista, uma doutrina que se difundiu pelo mundo e encontrou solo fértil, especialmente no Brasil (ARAÚJO, 2010; ARRIBAS, 2009; CAVALCANTI, 1983; 1985; GIUMBELLI, 1997).

Deste modo, o espiritismo kardecista tem suas raízes no trabalho do educador, escritor e pesquisador francês Allan Kardec, pseudônimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail. Kardec não apenas estudou fenômenos paranormais e mediúnicos de sua época, mas também buscou sistematizar essas observações por meio de um método racional e científico. Seu trabalho seminal, "O Livro dos Espíritos" (KARDEC, 1999), publicado pela primeira vez em 1857, lançou as bases teóricas e filosóficas do espiritismo moderno (AUBRÉE, LAPLANTINE, 2009; CAVALCANTI, 1983).

Assim, a essência do espiritismo kardecista reside na crença na existência de uma alma imortal, na comunicação entre os espíritos desencarnados e os vivos por meio de médiuns, na reencarnação como um processo evolutivo, e na prática da caridade e da moralidade como pilares fundamentais para o progresso espiritual (CAVALCANTI, 1983; LEWGOY, 2000).

Logo, no Brasil, o espiritismo kardecista encontrou terreno fértil e se estabeleceu como uma das principais correntes espirituais do país. A partir da segunda metade do século XIX, com a chegada das obras de Allan Kardec traduzidas para o português e a atuação de líderes espíritas como Bezerra de Menezes, Divaldo



Pereira Franco e Chico Xavier, o movimento espírita ganhou adeptos e se organizou em centros, casas espíritas e instituições dedicadas ao estudo e à prática dos ensinamentos kardecistas (LEWGOY, 2004).

Já, Reginaldo Prandi (2012, p. 93) acrescenta que “[...] ao chegar ao Brasil, o kardecismo encontrou uma cultura bastante familiarizada com as ideias de transe como meio de comunicação com os espíritos, de reencarnação e de cura espiritual, que foram assimiladas das religiões indígenas e africanas”. No entanto, apesar desse caráter pacífico, a história do movimento espírita no país não foi harmônica, como atestam os estudos de Giumbelli (1997, p. 33), ao tomar os discursos médicos alegando curandeirismo e charlatanismo, “[...] especialmente no período entre 1890 e 1940, [...] a partir de várias instituições e utilizando-se de vários meios vão formular teorias e acusações para explicá-lo e deslegitimá-lo [...]”. Também, aponta Sylvia Damazio (1984, p. 111):

[...] a luta da igreja católica contra o espiritismo se expressou através dos púlpitos, dos jornais – principalmente, O Apóstolo – e da distribuição de duas pastorais do bispo do Rio de Janeiro ao episcopado brasileiro, em 1881 e 1882, que anatemizavam os adeptos da doutrina e de sua prática. (DAMAZIO, 1994, p. 111).

Deste modo, o espiritismo não sendo um fenômeno e movimento recente no país, somente nas últimas décadas esse movimento tornou-se objeto de estudos e pesquisas nas Ciências Sociais, em especial, na Antropologia (da Religião). Até fins do século XX, havia no Brasil apenas os estudos pioneiros de Cavalcanti (1983); Giumbelli (1997), Aubré; Laplantine (2009), Fernandes (1993), Damazio (1994).

No entanto, os estudos sobre essa temática têm ganhado maior visibilidade em análises e discussões nas primeiras décadas do século XXI, muito disso se deve ao surgimento de novos grupos de pesquisa sobre esse tema nas mais variadas perspectivas e áreas de conhecimento, a partir das investigações de Arribas (2008), Camurça (2000; 2001), Lewgoy (2000) e autores supracitados, os quais alavancaram estudos mais recentes, como pode ser percebido em propostas de dossiês temáticos³ e teses e dissertações⁴.

Apesar do crescente número de estudos sobre esse movimento religioso, identificamos que não há publicações que tomem como objeto de análise, por exemplo, a coleção literária “A Vida no Mundo Espiritual” escrita por Chico Xavier e assinada pelo protagonista da narrativa, André Luiz. Salienta-se ainda que, para o movimento espírita, esta coletânea foi apenas psicografada por Chico Xavier, sendo o real autor da obra André Luiz (AL).

Nosso objetivo é investigar na obra de Chico Xavier a construção narrativa do personagem André Luiz⁵, o qual consideramos um dos pontos centrais na trajetória religiosa do médium brasileiro. Desta relação

³ **Revista Re-ligare:** v. 14 n. 1 (2017): Dossiê Espiritismos e Neo-espiritismos: doutrinas, narrativas e práticas. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/issue/view/1671>. **Revista Debates do NER.** Ano 10, n. 15 (2009): Espiritismos, disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/issue/view/804>.

⁴ Veja-se algumas sobre o tema em: <https://arquivospiritadotorg.wordpress.com/teses-e-dissertacoes-na-area-de-antropologia/>. Acesso: 24/04/24.

⁵ Vale ressaltar o esclarecimento proposto por Bernardo Lewgoy (2001): “[...] Todas essas características somam-se no personagem e autor André Luiz, tido como o mais “científico”, “jornalístico” e “sociológico” dos espíritos que ditam mensagens a Chico Xavier. A entrada em cena de André Luiz estabelece uma divisão do trabalho espiritual com Emmanuel, este funcionando como ponto de referência para questões doutrinárias e aquele para as científicas, esclarecendo pontos polêmicos sobre



de dupla-autoria, médium e espírito, sistematizou-se uma coleção de treze obras que relatam como é a vida espiritual, a partir da vivência do protagonista, o qual consolidou o movimento espírita na cultura brasileira.

Historicamente, o impacto mercadológico das obras do escritor (médium) Chico Xavier é espantoso. Segundo dados coletados até o ano de 2022, ultrapassou a marca de 58 milhões de cópias vendidas. Além disso, escreveu mais de 10 mil cartas “psicografadas” e um total de 450 livros atribuídos a espíritos de pessoas desencarnadas, com obras traduzidas para mais de 30 idiomas. A coleção, inaugurada em 1944, hoje completa 80 anos desde sua primeira edição e continua sendo reimpressa, o que a torna atemporal. Além das páginas escritas da coleção, ela serviu de base para sua versão adaptada no cinema - *Nosso Lar 1* (2003) ⁶ e *Nosso Lar 2: Mensageiros* (2024)⁷, sendo um sucesso na venda de bilheterias, levando milhões de brasileiros(as) às salas de cinema.

A questão norteadora deste estudo foi a seguinte:

O impacto e a influência na cultura brasileira da coletânea “A Vida no Mundo Espiritual”, psicografada por Chico Xavier e atribuída ao espírito André Luiz, devem-se à estrutura narrativa de acordo com as etapas do Trajeto do Herói de Joseph Campbell?

Assim sendo, nosso objetivo-último é analisar o trajeto narrativo deste personagem (André Luiz) em sua coleção, à luz do roteiro mitológico e antropológico de Joseph Campbell – *A Jornada do Herói* (2007). Nossa justificativa se deve ao fato de esta obra não ter sido explorada analiticamente no meio acadêmico e também porque buscamos defender a hipótese de que o sucesso e o impacto cultural da mesma devem-se à estrutura narrativa “vivida” pelo espírito André Luiz, configurando uma jornada mitológica.

1 A coleção

O objeto de análise neste texto é a coleção “A vida no mundo espiritual⁸” psicografada pelo médium brasileiro Chico Xavier, atribuída ao espírito que em vida fora um médico brasileiro, chamado pelo pseudônimo André Luiz, constituindo e configurando um total de treze livros, produzidos entre 1944 e 1969. Quais sejam: *Nosso lar* (1944); *Os mensageiros* (1944); *Missionário da luz* (1945); *Obreiros da vida eterna* (1946); *No mundo maior* (1947); *Libertação* (1949); *Entre a terra e o céu* (1954); *Nos domínios da mediunidade* (1955); *Ação e reação* (1957); *Evolução em dois mundos* (1959); *Sexo e destino* (1963).

Quanto às obras espíritas, para facilitar a leitura, optamos por nomeá-las cronologicamente em algarismos crescentes. Assim, ao invés de referenciar Xavier (2010) para a obra “*Nosso Lar*”, que neste caso se referia à sua 45ª edição, 4ª edição comemorativa e 1ª reimpressão, a referenciamos como “livro 1” (1944).

a vida após a morte, problemas experimentais da mediunidade e da obsessão, assim como ministrando conselhos práticos para o convívio intrafamiliar. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ra/a/7S5KvbXsKGRnK3cFMbMSzXS/?lang=pt#>.

⁶ Conferir em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2010/10/809641-nosso-lar-supera-chico-xavier-em-publico-e-arrecadacao-de-bilheteria.shtml>. Acesso: 24/04/24.

⁷ Conferir em: <https://radioriodejaneiro.digital/blog/nosso-lar-2-veja-os-records-quebrados-do-filme-que-ja-e-sucesso-de-bilheteria/>. Acesso: 24/04/24.

⁸ O 13º livro de André Luiz e Chico Xavier, atribuído, também, a um terceiro médium, Waldo Vieira, foi descartado de nossa análise por dois fatores: 1) obra se diferencia das outras treze por ser atribuída a mais de um autor-médium; 2) ser organizada na forma de verbetes com a intenção de esclarecer seus adeptos e praticantes em relação a determinados fenômenos etc., para os autores deste trabalho, e não na forma de narrativa.



De maneira semelhante, ao invés de utilizar Xavier (2013) referente à 47ª edição, 1ª reimpressão da obra “Os Mensageiros”, optamos pela designação “livro 2” (1944). Assim, sucessivamente com as demais obras.

Por que escolhemos os livros espíritas ao invés de nos debruçarmos sobre as dinâmicas das relações sociais no interior das agremiações, sociedades e centros espíritas, como inúmeros estudos anteriores realizaram?

A resposta se deve ao fato de que há estudos etnográficos seminais sobre essas dinâmicas, e esses estudos continuam a nortear nosso trabalho também. Porém, nossa escolha teórico-metodológica se deve ao fato de que continuamos defendendo a premissa de que o

[...] o espiritismo é uma religião da **cultura escrita** (ou letrada no sentido de pressupor limiares mínimos de “**letramento**” para a participação em seu cotidiano) e isso faz toda a diferença, tanto no âmbito de qualquer religiosidade quanto no Brasil, em particular (LEWGOY, 2000, p. 9, grifos nossos).

Nesse sentido, o espiritismo se fundamenta em pretensões de legitimidade tanto científica quanto filosófica, além de possuir uma composição social distinta, que lhe confere uma característica única no contexto da religiosidade contemporânea brasileira. Além disso, possui um forte alinhamento com um ideário racionalista e cientificista, típico da experiência moderna, assim como uma relação particular com a cultura escrita e a alfabetização, de acordo com a construção simbólica e ritual do seu ideal de pessoa. (Lewgoy, 2000)

Igualmente, entendemos que o espiritismo, assim como outras “religiões do livro” como o judaísmo e certos ramos do cristianismo, se fundamenta em um conjunto de textos explicativos e normativos que proclamam uma “revelação”, conhecida por seus seguidores como a Terceira Revelação, que sucede os livros bíblicos. Nesse sentido específico, não há uma diferença fundamental entre o espiritismo e essas outras tradições religiosas, como Bernardo Lewgoy (2000) asseverou, distintamente, dos demais estudos sobre o tema. Além disso, como Jaqueline Stoll (2003, p. 80) constatou, referente aos livros do médium Chico Xavier, que “O tema de vida pós-morte é recorrente em toda a sua obra”. Temática essa, que atravessa o conjunto das treze obras analisadas.

Portanto, há uma sinergia convergente, pois, de um lado, há a aspiração ocidental cientificista, no espiritismo. Do outro lado, há a narrativa de um médico espiritual que, realizando uma espécie de “etnografia no mundo espiritual”, narra episódios observados e outros vividos pelo próprio “autor espiritual” registrado na forma de literatura mediúnica (LEWGOY, 2000).

2 Os critérios

Os critérios objetivos utilizados para realizar as análises nas treze obras foram pautados nos termos-etapas-chave do “trajeto do herói” de Joseph Campbell, partindo do tripé estrutural de toda grande narrativa mitológica.

A partir da imagem acima, podemos compreender a linha de desenvolvimento campbelliana sistematizada temos: *a partida (ou separação), a iniciação e o retorno, bem como das etapas que perpassam e diferenciam as distintas narrativas ao longo do tempo e das culturas: chamado à aventura, recusa ao chamado,*



encontro com mentor/auxílio sobrenatural, caminho das provas, saindo para o mundo desconhecido/passagem pelo primeiro limiar, o ventre da baleia, o encontro com a deusa, sintonia com o pai, apoteose, última bênção, senhor dos dois mundos, chave, herói primordial e/ou humano, herói hoje (CAMPBELL, 2007).

Dada a extensão e proporção que o trabalho tomou, fez-se necessário sintetizar as distintas etapas do trajeto campbelliano, focando-nos na apresentação das principais etapas do trajeto do herói. Quais sejam: *chamado à aventura; saindo para o mundo desconhecido/passagem pelo primeiro limiar; sintonia com o pai; apoteose; última bênção e herói primordial e/ou humano*.

Desde sua publicação, a obra *O Herói de Mil Faces*, publicada originalmente há mais de meio século atrás (1949), é vasto o número de trabalhos pautados nessa obra seminal, pois tornou-se uma referência nos estudos dos mitos e da religião comparada. Aqui, não seria diferente, uma vez que o protocolo é clássico, porém, o objeto de análise é inédito. Em suma, eis a jornada que o herói deve peregrinar:

Além do **limiar**, então o herói inicia uma jornada por um mundo de forças desconhecidas e, não obstante, estranhamente íntimas, algumas das quais o ameaçam fortemente (**provas**), ao passo que outras lhe oferecem uma ajuda mágica (**auxiliares**). Quando chega ao nadir da jornada mitológica, o herói passa pela suprema provação e obtém sua recompensa. Seu triunfo pode ser representado pela união sexual com a deusa-mãe (**casamento sagrado**), pelo reconhecimento por parte do pai-criador (**sintonia com o pai**), pela sua própria divinização (**apoteose**), ou, mais uma vez—se as forças tiverem mantido hostis a ele—, pelo roubo, por parte do herói, da **bênção** que ele foi buscar (rapto da noiva, roubo do fogo); intrinsecamente, trata-se de uma expansão da consciência e, por conseguinte, do ser (iluminação, transfiguração, libertação). O trabalho final é o do **retorno**. Se as forças abençoarem o herói, ele agora retorna sob a sua proteção (**emissário**); se não for esse o caso, ele empreende uma fuga e é perseguido (fuga de transformação, fuga de obstáculos). No **limiar do retorno**, as forças transcendentais devem ficar para trás; o herói reemerge do reino de terror (retorno, ressurreição). A **bênção** que ele traz consigo restaura o mundo (elixir) (CAMPBELL, 2007, p. 242, grifos nossos).

Enfim, eis a “chave” para identificar narrativas e trajetos que estruturados, em pontos-chaves, vestem-se de características mitológicas, no qual um ou outra etapa são extrapoladas ou suprimidas em maior ou menor grau, como assevera o mitólogo:

[...] Muitos contos isolam e ampliam grandemente um ou dois elementos típicos do ciclo completo [...] outros encadeiam um certo número de ciclos independentes e os transformam numa série simples [...]. Diferentes personagens ou episódios podem ser fundidos(as), assim como um elemento simples pode reduplicar-se e reaparecer sob muitas formas diferentes (CAMPBELL, 2007, p. 242).

E assim, nesse isolar, ampliar, encadear e fundir episódios, é que as narrativas ganham e mostram sua dinamicidade. Ao analisar o conjunto da obra em que Chico Xavier e André Luiz, em suas treze obras sobre “a vida no mundo espiritual”, buscou-se apresentar:



As linhas gerais dos mitos e contos estão sujeitas a danos ou ao obscurecimento. As características arcádias em geral são eliminadas ou reprimidas. Os elementos importados são revisados para se adequarem à paisagem, aos costumes ou à crença locais e, no processo, sempre saem prejudicados (CAMPBELL, 2007, p. 242).

Dentre tantas complexidades analíticas possíveis e plausíveis na análise da obra espírita, fica evidenciada no sentido campbelliano. Uma vez que, em todos os livros, foi tema, contexto e fenômeno recorrente: organização de relações sociais pautadas em elementos urbanos, citadinos, o trabalho como força individual determinante da acumulação de bens (espirituais), organizações, instituições e atividades de natureza burocrática do mundo capitalista ocidental, à luz de etapas supracitadas.

3 A triangulação

Deste modo, depois de apresentar os objetivos, a pergunta-problema, nossa hipótese e a contextualização acerca de nosso objeto de análise, cabe-nos descrever a análise realizada à luz do pressuposto teórico-metodológico norteador.

Para ele (CAMPBELL, 2007), o herói é alguém que conseguiu vencer todas as limitações históricas, pessoais e locais. Diferente do que muitas vezes podemos concluir, figuras lendárias e heróis não se limitam àquelas ligadas a grandes feitos históricos, muitas vezes sobrenaturais, contidas em mitos. Campbell afirma que todos nós somos heróis ao nascer, no momento em que passamos por uma tremenda transformação, tanto psicológica quanto física, deixando a condição de criaturas aquáticas, vivendo no fluido amniótico, para assumirmos, daí por diante, a condição de mamíferos que respiram oxigênio do ar e, mais tarde, precisarão se erguer nos próprios pés.

As façanhas do herói variam de acordo com a necessidade de sua época:

Se as façanhas de uma figura histórica real proclamaram-no herói, os construtores de sua lenda inventarão para ela aventuras apropriadas nas profundezas. Estas serão apresentadas como jornadas miraculosas e deverão ser interpretadas como símbolos, de um lado, e descidas ao mar da escuridão da psique e, de outro, de domínios ou aspectos do destino do homem que se tornaram manifestos na vida desta pessoa (CAMPBELL, 2007, p. 47).

Nessa obra, *O Herói de Mil Faces* (1949), o mitólogo norte-americano aponta, após observar inúmeros mitos e contos, que toda narrativa lendária que busca construir um herói é constituída por diferentes momentos, traçando assim uma “trajetória do herói”.

4 A análise do caminho do Herói Espírita

O primeiro passo do ser que se tornará herói é dado no contexto em que o mundo conhecido por ele começa a desmoronar, obrigando-o a partir para o desconhecido. Esse é o “chamado à aventura”. Nas palavras do mitólogo:



[...] um erro revela um mundo insuspeito, e o indivíduo entra numa relação com forças que não são plenamente compreendidas. [...] São ondulações na superfície da vida, produzidas por nascentes inesperadas. [...] O erro pode equivaler ao ato inicial de um destino (CAMPBELL, 2007, p. 60).

Na obra de Chico Xavier, temos a seguinte situação narrativa referente à André Luiz:

Em verdade, não fora um criminoso, no meu próprio conceito. [...] Filho de pais talvez excessivamente generosos, conquistara meus títulos universitários sem maior sacrifício, compartilhara os vícios da mocidade do meu tempo, organizara o lar, conseguira filhos, perseguira situações estáveis que garantissem a tranquilidade econômica do meu grupo familiar, mas, examinando atentamente a mim mesmo, algo me fazia experimentar a noção de tempo perdido, com a silenciosa acusação da consciência. Habitara a Terra, gozara-lhe os bens, colhera as bênçãos da vida, mas não lhe retribuía ceitil do débito enorme. Tivera pais, cuja generosidade e sacrifícios por mim nunca avaliei; esposa e filhos que prendera, ferozmente, nas teias rijas do egoísmo destruidor. Possuía um lar que fechei a todos os que palmilhavam o deserto da angústia. Deliciara-me com os júbilos da família, esquecido de estender essa bênção divina à imensa família humana, surdo a comezinhos deveres de fraternidade (XAVIER, livro 1, pp. 10-12).

Para Campbell (2007, p. 61), o que marca o início da trajetória do personagem lendário é quando: “O horizonte familiar da vida foi ultrapassado; os velhos conceitos, ideais e padrões emocionais, já não são adequados; está próximo o momento da passagem por um limiar [...]”. Já na obra analisada temos:

Reconhecia, agora, a esfera diferente a erguer-se da poalha do mundo e, todavia, era tarde. Pensamentos angustiosos atritavam-me o cérebro. Mal delineava projetos de solução, incidentes numerosos impeliavam-me a considerações estonteantes. Em momento algum, o problema religioso surgiu tão profundo a meus olhos. Os princípios puramente filosóficos, políticos e científicos, figuravam-se-me agora extremamente secundários para a vida humana. Significavam, a meu ver, valioso patrimônio nos planos da Terra, mas urgia reconhecer que a humanidade não se constitui de gerações transitórias e sim de Espíritos eternos, a caminho de gloriosa destinação. [...] De fato, conhecia as letras do Velho Testamento e muita vez folheara o Evangelho; entretanto, era forçoso reconhecer que nunca procurara as letras sagradas com a luz do coração (XAVIER, 2010, p. 11).

Igualmente, um terceiro traço típico do chamado à aventura, segundo o autor é o chamamento à “[...] a floresta negra, a grande árvore, a fonte murmurante e a repugnante e subestimada aparência do portador da força do destino” (CAMPBELL, 2007, p. 61).

[...] Formas diabólicas, rostos alvares, expressões animalescas surgiam, de quando em quando, agraçando-me o assombro. A paisagem, quando não totalmente escura, parecia banhada de luz alva-centa, como que amortalhada em neblina espessa, que os raios de Sol aquecessem de muito longe”.



[...]

Cabelos eriçados, coração aos saltos, medo terrível senhoreando-me, muita vez gritei como louco, implorei piedade e clamei contra o doloroso desânimo que me subjugava o espírito. [...] Não desenvolvera os germes divinos que o Senhor da Vida colocara em minh'alma. [...] Não adestrara órgãos para a vida nova. Era justo, pois, que aí despertasse à maneira de aleijado que, restituído ao rio infinito da eternidade [...] ou como mendigo infeliz, que, exausto em pleno deserto, perambula à mercê de impetuosos tufões (XAVIER, livro 1, pp. 10-12).

Nesse sentido, vislumbra-se o caráter de chamamento à aventura do personagem (espírito) André Luiz após despertar da morte e se deparar com seu estado repugnante em um ambiente hostil e maléfico, fruto de “erros” cometidos em vida, como o consumo de bebidas, durante oito anos de vagar por ermos infernais. Tal constatação pode ser corroborada por Campbell (2007, p. 66, grifos nossos) ao concluir o primeiro trajeto da jornada:

Esse primeiro estágio da jornada mitológica - que denominamos aqui ‘o chamado da aventura’ - significa que o destino convocou o herói e transferiu-lhe o centro de gravidade do seio da sociedade para uma região desconhecida. Essa fatídica região dos tesouros e dos perigos pode ser representada sob várias formas: como uma terra distante, uma floresta, um reino subterrâneo, a parte inferior das ondas, a parte superior do céu [...]. O herói pode agir por vontade própria na realização da aventura [...] pode ser levado ou enviado para longe por algum agente benigno ou maligno, [...] A aventura pode começar por um erro, [...] o herói pode estar simplesmente caminhando a esmo, quando algum fenômeno passageiro o leva o herói para longe dos caminhos comuns do homem.

Dessa forma, esse primeiro momento consiste em apresentar e narrar essas terras longínquas e desconhecidas, habitadas por uma pluralidade de fenômenos e seres. Isso pode ser observado na primeira obra:

De início, as lágrimas lavavam-me incessantemente o rosto e apenas, em minutos raros, felicitava-me a bênção do sono. Interrompia-se, porém, bruscamente, a sensação de alívio. Seres monstruosos acordavam-me, irônicos; era imprescindível fugir deles (XAVIER, livro 1, p. 11).

A circunstância mais dolorosa, no entanto, não é o terrível abandono a que me sentia votado, mas o assédio incessante de forças perversas que me assomavam nos caminhos ermos e obscuros. [...] (XAVIER, livro 1, p. 13).

Portanto, no nosso ponto de vista, a obra inaugural psicografada pelo médium brasileiro Chico Xavier, ditada pelo espírito André Luiz, intitulada “Nosso Lar”, é apresentada como um “chamado à aventura”, pois se configura como uma “autobiografia” de André Luiz. Assim, apresenta indícios de ser uma “jornada mitológica de um herói”, como observado em “Nosso Lar”.

A terceira etapa do trajeto é o “encontro com o mentor ou auxílio sobrenatural” que, segundo o autor:



Para aqueles que não recusaram o chamado, o primeiro encontro da jornada do herói se dá com uma **figura protetora** [...], que fornece ao aventureiro amuletos que o protejam contra as forças titânicas com que ele está prestes a deparar-se (CAMPBELL, 2007, p. 74, grifos nossos).

E complementa, “[...] Tendo respondido ao seu próprio chamado, e prosseguindo corajosamente conforme se desenrolam as consequências, o herói encontra todas as forças do inconsciente ao seu lado” (CAMPBELL, 2007, p. 76).

Explicado as convergências que estruturam essa etapa, o autor exemplifica-o:

A anciã solícita e fada-madrinha é um traço familiar das lendas e contos de fadas europeus; nas lendas dos santos cristãos, o papel costuma ser desempenhado pela Virgem [...] O herói que estiver sob a proteção da Mãe Cósmica nada sofrerá. [...] “não é tão incomum, que o ajudante sobrenatural assuma a forma masculina” (CAMPBELL, 2007, pp. 76-77).

Ora, apesar das personagens folclóricas clássicas serem os exemplos tomados pelo mitólogo, na obra de Xavier, ou melhor, na jornada (heroica) de André Luiz, o mesmo cenário se apresenta e perpassa todo o seu trajeto narrado ao longo das 13 obras. Na primeira obra, como se esperava, há o relato deste primeiro encontro marcante e o auxílio sobrenatural que se dá por meio de entidades espirituais mais elevadas, representando a orientação e proteção necessárias para o protagonista seguir em sua jornada espiritual. Essa figura mentor/auxiliar se manifesta de maneira simbólica e reveladora ao longo da narrativa, cumprindo o papel atribuído por Campbell às figuras arquetípicas dos contos e mitos:

Ah! é preciso haver sofrido muito, para entender todas as misteriosas belezas da oração; é necessário haver conhecido o remorso, a humilhação, a extrema desventura, para tomar com eficácia o sublime elixir de esperança. Foi nesse instante que as neblinas espessas se dissiparam e alguém surgiu, emissário dos Céus. Um velhinho simpático me sorriu paternalmente. Inclinou-se, fixou nos meus os grandes olhos lúcidos, e falou:

– Coragem, meu filho! O Senhor não te desampara (XAVIER, 2010, p. 15).

Este, foi o primeiro de uma série de auxílios e benfeitorias que o herói receberá em sua caminhada, “[...] herói é auxiliado, de forma encoberta, pelo conselho, pelos amuletos e pelos agentes secretos do auxiliar [...] Ou, talvez, ele aqui descubra, pela primeira vez, que existe um poder benigno, em toda parte, que o sustenta em sua passagem” (CAMPBELL, 2007, p. 56).

Em que medida identificamos tal etapa na jornada de André Luiz? Veja-se:

– Quem sois, generoso emissário de Deus?

O inesperado benfeitor sorriu bondoso e respondeu:

– Chama-me Clarêncio, sou apenas teu irmão.

E, percebendo o meu esgotamento, acrescentou:



- Agora, permanece calmo e silencioso. É preciso descansar para reaver energias. Em seguida, chamou dois companheiros que guardavam atitude de servos desvelados e ordenou:
- Prestemos ao nosso amigo os socorros de emergência.
- Alvo lençol foi estendido ali mesmo, à guisa de maca improvisada, apresentando-se ambos os cooperadores a transportarem-me, generosamente.
- Quando me alçavam, cuidadosos, Clarêncio meditou um instante e esclareceu, como quem recorda inadiável obrigação:
- Vamos sem demora. Preciso atingir “Nosso Lar” com a presteza possível (XAVIER, livro 1, p. 16).

Como destacado, não são poucos os termos lisonjeiros utilizados pelo “narrador” (médium e espírito) para definir o seu mentor. Nesse sentido, o personagem Clarêncio, mentor de André Luiz no primeiro livro de sua história no mundo espiritual, assinala similaridades com as características indicadas por Campbell (2007, pp. 76-77, grifos nossos): “Essa figura representa o poder benigno e protetor do destino. [...] Não é tão incomum que o ajudante sobrenatural assuma a forma masculina”.

Mas isso não significa determinismo, para o surgimento deste tipo de auxílio há exigências, [...]. O herói ao qual esse tipo de auxiliar aparece é, tipicamente, o herói que atendeu ao chamado” (CAMPBELL, 2007, p. 77). Daí, concluirmos que sua recusa, para não se dizer inexistente, é ao menos efêmera, uma vez que está claro as aparições e anúncios do aparecimento de seu mentor, guia, isto é, do auxílio sobrenatural. (Idem)

Assim, mais do que um verbo e um gesto, aceitar o chamado é condição sine qua non na continuidade da jornada, seja no mundo terreno, seja no mundo espiritual, uma vez que se identificou na segunda obra de Xavier o relato de André Luiz que exemplifica e testifica o postulado campbelliano.

A narrativa de André Luiz continua a tecer os fios da jornada do herói, revelando as nuances e desafios que permeiam essa caminhada rumo ao autoconhecimento e à transcendência:

Comunicando meus novos propósitos a Tobias, verifiquei a satisfação que lhe transpareceu do olhar.

— Fique tranqüilo — disse, bondoso — você possui a quantidade necessária de horas de trabalho para justificar o pedido. Temos, por nossa vez, grande número de colegas na Comunicação. Não será difícil localizá-lo com instrutores amigos. Conhece o nosso estimado Aniceto?

— Não tenho esse prazer.

— É antigo companheiro de serviço — continuou informando, amável — e esteve conosco na Regeneração, algum tempo. Em seguida, devotou-se à tarefas sacrificiais no Ministério do Auxílio e, hoje, é Instrutor competente na Comunicação, aonde vem prestando concurso respeitável. Conversarei, a respeito, com o Ministro Gênésio. Não tenha dúvidas. Seu desejo, André, é muito nobre aos nossos olhos.

[...]

Comecei a compreender o valor do trabalho. [...] “Nosso Lar” estava cheio de entidades ansiosas por aquisições dessa natureza. Não seria justo entregar-me, de boa vontade, ao novo aprendizado?



Além disso, certo da minha volta à carne, em futuro talvez não distante, a providência constituiria realização de profundo interesse ao meu aproveitamento geral.

Misteriosa alegria dominava-me todo, sublimada esperança iluminava-me os sentimentos. Aquele desejo ardente de colaborar em benefício dos outros, que Narcisa me acendera no íntimo, parecia encher, agora, a taça vazia do meu coração.

Trabalharia, sim. Conheceria a satisfação dos cooperadores anônimos da felicidade alheia. Procuraria a prodigiosa luz da fraternidade, através do serviço às criaturas. [...] (XAVIER, livro 2, p. 13).

Apesar da extensão do fragmento, as evidências de encontro e mentoria “espiritual” se fazem claras. Aliás, este talvez seja o tema/etapa/característica mais preponderante na narrativa de André Luiz.

Ao concluir esta etapa, a seguinte é denominada de “Caminho das provas, saindo para o mundo desconhecido/Passagem pelo primeiro limiar”, segundo nosso mitólogo. Este, por sua vez, representa “[...] tendo as personificações do seu destino a ajudá-lo e a guiá-lo, o herói segue em sua aventura até chegar ao ‘guardião do limiar’, na porta que leva à área da força ampliada” (CAMPBELL, 2007, p. 82).

Nesse sentido, a obra de Chico Xavier, ou melhor, a jornada de André Luiz, é rica e repleta de situações e personificações que o levam rumo ao “mundo desconhecido”. Exemplificando, todas as treze obras possuem, pelo menos, um grande guardião: iniciando com Clarêncio, Lísias, Narcisa (em *Nosso Lar*), deparando-se com Aniceto (em *Os mensageiros da luz*), Alexandre (em *Missionários da Luz*), Áulus (em *Nos domínios da mediunidade*), Gúbio e Matilda (*Libertação*), e tantos outros guardiões e protetores.

Todas essas personificações, em seus respectivos contextos narrativos, de algum modo, apresentam a mesma estrutura e objetivo último, a saber: *preparar e conduzir André Luiz (o herói) para o seu caminho das provas diante do primeiro mas também, o mais importante limiar, qual seja, os domínios das trevas, das regiões infernais da tradição judaico-cristã e que, na escatologia espírita, conhecida como “umbral”*. Como atesta o seguinte fragmento:

Foi, então, que me lembrei de interpelá-lo sobre uma coisa que, de algumas horas, me torturava a mente. Referira-se o Governador, quando nos dirigiu a palavra, aos círculos da Terra, do Umbral e das Trevas, mas, francamente, não tinha eu, até então, qualquer notícia deste último plano. Não seria região trevosa o próprio Umbral, onde vivera, por minha vez, em sombras densas, durante anos consecutivos? Não via, nas Câmaras, numerosos desequilibrados e doentes de toda espécie, procedentes das zonas umbralinas? Recordando que Lísias me dera esclarecimentos tão valiosos da minha própria situação, no início da minha experiência em “Nosso Lar”, confiei-lhe minhas dúvidas íntimas, expondo-lhe a perplexidade em que me encontrava.

Ele esboçou uma fisionomia bastante significativa, e falou:

– Chamamos Trevas às regiões mais inferiores que conhecemos. Considere as criaturas como itinerantes da vida. Alguns poucos seguem resolutos, visando ao objetivo essencial da jornada. São os espíritos nobilíssimos, que descobriram a essência divina em si mesmos, marchando para o alvo sublime, sem vacilações. A maioria, no entanto, estaciona. Temos então a multidão de almas que demoram séculos e séculos, recapitulando experiências. Os primeiros seguem por linhas retas. Os segundos caminham descrevendo grandes curvas. Nessa movimentação, repetindo



marchas e refazendo velhos esforços, ficam à mercê de inúmeras vicissitudes. Assim é que muitos costumam perder-se em plena floresta da vida, perturbados no labirinto que tracejam para os próprios pés. Classificam-se, aí, os milhões de seres que perambulam no Umbral. Outros, preferindo caminhar às escuras, pela preocupação egoística que os absorve, costumam cair em precipícios, estacionando no fundo do abismo por tempo indeterminado. Compreendeu?
As elucidações não poderiam ser mais claras (XAVIER, livro 1, pp. 213-216).

Apesar de extenso, o fragmento da primeira obra (Nosso Lar), exemplifica o chamado a que o herói espírita está sendo impelido a realizar, testificando os elementos característicos da jornada do herói descrita por Campbell (2007).

Igualmente, tal fragmento já apresenta os elementos contextuais da “travessia de limiar”, etapa essa que em todos os livros analisados André Luiz enfrenta e é representado pelo “umbral” na cosmologia espírita, lugar de trevas e sofrimentos, onde o herói deve passar por provas e desafios para avançar em sua jornada espiritual.

Como Campbell (2007, p. 82) assevera: “As mitologias folclóricas povoam com velhacas e perigosas presenças todos os locais desertos fora das vias normais da cidade”. Os locais desconhecidos e estranhos, como as regiões umbralinas, são cenários que permitem a projeção de conteúdos inconscientes, levando o herói a confrontar seus medos, traumas e desafios internos. Assim, a narrativa de André Luiz segue uma estrutura mitológica profunda, oferecendo ao leitor uma jornada emocionante e cheia de significado espiritual: são sempre “[...] **regiões do desconhecido** (deserto, selva, fundo do mar, **terra estranha**, etc.) são campos livres para a projeção de conteúdos inconscientes” (CAMPBELL, 2007, p. 83, grifos nossos).

Veja-se, também, o seguinte fragmento identificado no 4º livro da jornada de André Luiz:

Depois de viagem normal, através dos caminhos comuns, alcançamos **nevoenta região**, onde asfixiante tristeza parecia imperar incessantemente. De outras vezes, eu já atravessara **sítios** semelhantes, gastando apenas alguns minutos. Agora, porém, era compelido a **longa marcha** em sentido horizontal. Atendendo a imperativos da missão, o Assistente Jerônimo procurava certa localidade, sob a denominação expressiva de “Casa Transitória de Fabiano” (XAVIER, livro 4, p. 49, grifos nossos).

Igualmente, identificou-se momentos dessa jornada no quinto livro de Chico Xavier (s/d, pp. 208-209), assinado pelo protagonista da narrativa:

Avistando-me ao lado do Assistente, perguntou Cipriana com singeleza, feitas as saudações usuais: – Pretende o irmão André seguir em nossa companhia?

O abnegado amigo respondeu que o próprio Instrutor Eusébio lembrara a conveniência de minha visita aos **abismos purgatoriais**; esclareceu que eu me achava interessado em obter informes da vida nas **esferas inferiores**, para os relatar aos companheiros encarnados, auxiliando-os na preparação necessária à ciência de bem viver.

A diretora ouviu, bondosa, e objetou:



– Sim, a sugestão de Eusébio é valiosa, em se tratando de observações preliminares no **Baixo Umbral**. Como responsável, porém, pelos serviços diretos da expedição, não posso admiti-lo, por enquanto, em todas as particularidades.

A análise traz à tona não apenas as conotações míticas da cultura ocidental judaico-cristã, mas também ressalta a redundância das passagens e etapas que são características da jornada mitológica, aqui, em especial, à passagem do limiar.

Deste modo, quando Campbell (2007, p. 85) aborda a passagem do limiar como o primeiro passo na área da fonte universal, que libera as forças da escuridão destrutivo-criativa, encontra eco na narrativa de Xavier sobre o aspecto protetivo do guardião. Esse guardião desempenha um papel crucial na jornada do herói, oferecendo proteção e orientação enquanto o herói enfrenta os desafios do limiar.

Essa convergência entre os conceitos de Campbell e a narrativa de André Luiz demonstra como a jornada mitológica transcende culturas e contextos específicos, encontrando expressão em diferentes formas literárias e espirituais:

[...] revela o sentido do primeiro aspecto do **guardião do limiar**, o aspecto de **proteção**. É melhor não desafiar o vigia dos limites estabelecidos. E no entanto, somente ultrapassando esses limites, provocando o outro aspecto, destrutivo, dessa mesma força, o indivíduo passa, em vida ou na morte, para uma nova região da experiência (CAMPBELL, 2007, p. 85, grifos nossos).

Certamente, ao longo dos treze livros que compõem a jornada de André Luiz, há uma exploração contínua das situações de enfrentamento do desconhecido. Essas situações não se limitam à condição de “desencarnado”, mas transcendem para um processo de iniciação mais amplo. André Luiz, como herói dessa jornada, é constantemente confrontado com desafios que o levam a antever e aprofundar seu entendimento sobre o desconhecido. Veja-se:

Para muitas criaturas, é difícil compreender a arregimentação inteligente dos espíritos perversos. [...] Enleados em forças de baixo padrão vibratório, não apreendem a beleza da vida superior e, enquanto mentalidades frágeis e enfermias se dobram humilhadas, os gênios da impiedade lhes traçam diretrizes, enfileirando-as em comunidades extensas e dirigindo-as em bases escuras de ódio aviltante e desespero silencioso.

[...]

– Tais colônias perturbadoras devem ter começado com as primeiras inteligências terrestres entregues à insubmissão e à indisciplina, ante os ditames da Paternidade Celestial. A alma caída em vibrações desarmônicas, pelo abuso da liberdade que lhe foi confiada, precisa tecer os fios do reajustamento próprio e milhões de irmãos nossos se recusam a semelhante esforço, ociosos e impenitentes, alongando o labirinto em que muitas vezes se perdem por séculos. Inabilitados para a jornada imediata, rumo ao Céu, em virtude das paixões devastadoras que os magnetizam, arrebanham-se de conformidade com as tendências inferiores em que se afinam, ao redor da



Crosta Terrestre, de cujas emanções e vidas inferiores ainda se nutrem, qual ocorre aos próprios homens encarnados [...] (XAVIER, livro 5, p. 23).

O diálogo entre André Luiz e seu mentor, especialmente quando aborda o fenômeno de ser engolido por camadas espessas e desconhecidas, revela-nos a profundidade das provas, obstáculos e desafios que ele enfrenta ao adentrar essas regiões. O que de fato, também, assemelhando-se ao conjunto de exemplos míticos identificados pelo mitólogo.

Igualmente, temos outra etapa central na jornada do herói, identificada no conjunto da obra narrativa atribuída ao espírito André Luiz, o caminho das provas descrito por Campbell (2007, p. 102).

Nessa fase, o protagonista é conduzido e impulsionado a enfrentar suas provações, que são fundamentais para o seu crescimento e transformação. Essas provações representam desafios que testam a coragem, a sabedoria, a integridade e outras qualidades essenciais do herói. Ao superar esses desafios, o protagonista adquire conhecimento, maturidade e força interior, tornando-se uma figura mítica, lendária e heroica (CAMPBELL, 2007).

Essa jornada de iniciação e superação de provas é um elemento central nas narrativas mitológicas e também é evidente na trajetória de André Luiz ao longo das treze obras analisadas. O personagem enfrenta uma série de desafios que o levam a uma profunda transformação, tanto espiritual quanto moral, preparando-o para novas etapas e revelações em sua jornada. Isto é, a iniciação e o caminho de suas provas:

Tendo **cruzado o limiar**, o herói caminha por uma **paisagem onírica** povoada por formas curiosamente fluidas e ambíguas, na qual deve sobreviver a uma sucessão de provas. [...] **O herói é auxiliado**, de forma encoberta, pelo conselho, pelos amuletos e pelos agentes secretos do **auxiliar sobrenatural** que havia encontrado antes de penetrar nessa região (CAMPBELL, 2007, p. 102, grifos nossos).

Essa afirmação do autor sobre a iniciação e o caminho das provas é claramente identificável em quase todas as obras do herói chioxaveriano, André Luiz. Tanto no fragmento mencionado do quinto livro quanto em outras partes de sua jornada.

Ao longo das obras, André Luiz enfrenta uma série de desafios que o levam a um processo de iniciação e crescimento pessoal. Esses desafios variam desde confrontos com suas próprias limitações e erros do passado até situações que testam sua coragem, compaixão e discernimento. Deste modo, a cada prova superada representa um passo importante em sua jornada de autoconhecimento e evolução espiritual:

Após a travessia de várias regiões, “em descida”, com escalas por diversos postos e instituições socorristas, penetramos vasto domínio de sombras. [...] A vegetação exibía aspecto sinistro e angustiado. As árvores não se vestiam de folhagem farta e os galhos, quase secos, davam a idéia de braços erguidos em súplicas dolorosas.

Aves agoureiras, de grande tamanho, de uma espécie que poderá ser situada entre os corvídeos, crocitavam em surdina, semelhandose a pequenos monstros alados espiando presas ocultas.



O que mais contristava, porém, não era o quadro desolador, mais ou menos semelhante a outros de meu conhecimento, e, sim, os apelos cortantes que provinham dos charcos. Gemidos tipicamente humanos eram pronunciados em todos os tons. [...] Lembrando a “selva escura” a que Alighieri se reporta no imortal poema, eu trazia o coração premido de interrogativas inquietantes. [...] Em minutos breves, penetramos vastíssima aglomeração de vielas, reunindo casario decadente e sórdido.

Rostos horrendos contemplavam-nos furtivamente, a princípio, mas, à medida que varávamos o terreno, éramos observados, com atitude agressiva, por transeuntes de miserável aspecto. [...] Alguns quilômetros de via pública, repletos de quadros deploráveis, desfilaram a nossos olhos. Mutilados às centenas, aleijados de todos os matizes, entidades visceralmente desequilibradas, ofereciam-nos paisagens de arrepiar (XAVIER, livro 6, pp. 49-55).

Do mesmo modo, que o fragmento acima, encontramos elucidações exemplificantes no quadro narrativo da coleção, o nono livro da jornada, na qual os autores (Chico e André) descrevem a chegada de uma equipe a um local de paisagem onírica e fabulosa. Esses elementos são cruciais na construção da narrativa mítica e heróica:

A conversação fascinava-nos.

Hilário e eu visitávamos a “Mansão Paz”, notável escola de reajuste de que Druso era o diretor abnegado e amigo.

O estabelecimento, situado nas regiões inferiores, era bem uma espécie de “mosteiro São Bernardo”, em zona castigada por natureza hostil, com a diferença de que a neve, quase constante em torno do célebre convento encravado nos desfiladeiros entre a Suíça e a Itália, era ali substituída pela sombra espessa, que, naquela hora, se adensava, movimentada e terrível, ao redor da instituição, como se tocada por ventania incessante. [...] Enquanto nos entendíamos, reparávamos lá fora, através do material transparente de larga janela, a convulsão da Natureza.

Ventania ululante, carregando consigo uma substância escura, semelhante à lama aeriforme, remoinhava com violência, em torvelinho estranho, à maneira de treva encachoeirada...

E do corpo monstruoso do turbilhão terrível rostos humanos surdiam em esgares de horror, vociferando maldições e gemidos. Apareciam de relance, jungidos uns aos outros como vastas correntes de criaturas agarradas entre si, em hora de perigo, na ânsia instintiva de dominar e sobreviver (CHICO XAVIER, livro 9, pp. 7-8).

Essa chegada a um local tão peculiar e intrigante indica uma mudança significativa na jornada de André Luiz, marcando o início de uma fase de descobertas, transformações e confrontos com o desconhecido, testificando as etapas de iniciação e caminho das provas descritas por Campbell (2007, p. 102).

Além disso, neste mesmo contexto de André Luiz, percebe-se a dinâmica de auxílio e preparação ao longo de suas experiências espirituais. Mentores espirituais, tais como: Clarêncio, Lísias, Narcisa, Áulus e outros, desempenham esse papel de “auxiliares sobrenaturais” ao orientá-lo, aconselhá-lo e fornecer-lhe conhecimento antes e durante suas provações.



Fica evidenciado, também, que esses auxiliares contribuem para a jornada heroica de André Luiz ao oferecerem suporte emocional, intelectual (e espiritual), capacitando-o “em sua evolução espiritual” ou na observância dos fenômenos narrados de terceiros (outros personagens na narrativa) dos desafios e obstáculos que surgem em seu caminho. Assim, a presença desses agentes secretos do auxiliar sobrenatural na vida do herói espiritual é uma característica essencial na construção da narrativa mítica e na progressão da jornada do protagonista, algo marcante nas treze obras analisadas.

Sabe-se, devido aos estudos extensos acerca da obra de Joseph Campbell que há inúmeras subetapas no trajeto do herói, como o encontro com a deusa e a sintonia com o pai. Na obra de André Luiz e Chico Xavier há inúmeros casos que exemplificam essa etapa de casamento mítico (Narcisa, Matilde, Zenóbia...) e de sintonia (Clarêncio, Alexandre, Lísias, Calderaro, Áulus, Gúbio...).

No entanto, por força dos limites do trabalho, deixa-se de lado essas subetapas para privilegiar etapas centrais, como a chamada “apoteose”, descrita pelo mitólogo das religiões. Nesse sentido, ficou evidente, na análise realizada que o herói espírita sempre finaliza suas sagas com um cenário comovedor, moralizador e em aberto, junto de seu instrutor paternal/maternal, configurando-se assim como uma extensão apoteótica.

Nesse sentido, é de se esperar que suas experiências espirituais atinjam sempre um nível apoteótico. Esta, por sua vez, é um elemento determinante na jornada do ser que se tornará herói, refletindo um padrão: “[...] esse ser divino é um padrão da condição divina que o herói humano atinge quando ultrapassa os últimos terrores da ignorância” (CAMPBELL, 2007, p. 145). Veja-se, a recorrência deste padrão no segundo livro, assinados pelo herói espírita:

Depois de outras atividades espirituais numerosas, findou a semana de serviço a que Aniceto nos admitira em sua companhia. Seguíramos o nobre instrutor, através de tarefas variadas e complexas. Sediados no templo acolhedor de Isabel, atendêramos a considerável número de doentes, bem como a irmãos outros perturbados, abatidos, transviados e moribundos. Nosso orientador tinha, para todos os casos, maravilhosos recursos de improvisação, sempre atencioso e otimista. [...] Aniceto calou-se comovido e, de olhos úmidos, contendo a custo as lágrimas do meu reconhecimento, incorporei-me à nobre caravana que seguiria conosco de regresso a “Nosso Lar” (CHICO XAVIER, livro 2, pp. 169-172).

Fica evidenciado que, na saga espírita, diferente dos tempos imemoriais, as façanhas, desafios e obstáculos enfrentados pelo herói são de natureza urbana e ditadas pelos mesmos tipos de relação produtiva contemporâneas do mundo do trabalho e da vida na cidade. Ainda assim, como assevera Campbell (2007, p. 154, grifos nossos, itálico do original): “Se o Deus é um arquétipo tribal, racial, nacional ou sectário, somos os guerreiros de sua causa; mas se ele é o próprio senhor do universo, então somos conhecedores para os quais todos os homens são irmãos”.

Na narrativa chicoxaveriana, encontramos este “mitema” (DURAND, 1985), isto é, a “menor unidade mítica” encontrada nessas imagens e narrativas, pois sempre se encontra organizada de forma estrutural e figurativa” (MARTINS; WINGERT, 2023, p. 210). Veja-se os dois fragmentos abaixo:



– Agora, meus amigos, elevemos ao Cristo nossos pensamentos de júbilo e gratidão, consagrando-lhe as inesquecíveis emoções de nosso adeus.

Manteve-se de pé, cercado de intensa luz safirino-brilhante, e, de olhos erguidos para o alto, estendeu os braços como se conversasse com o Mestre presente, embora invisível, orando com infinita beleza: [...] A comovedora prece de Alexandre fora à última nota do maravilhoso adeus. Saímos. Em torno, as flores exalavam agradabilíssimo perfume, à luz prateada da noite. E, ao longe, no alto dos céus, brilhavam os astros, como fulgurantes corações de luz, em praias distantes do Universo, imanados, como nós, uns aos outros, à procura das alegrias supremas da união com a Divindade (CHICO XAVIER, livro 3, pp. 342-343).

Percebe-se que na saga espírita, também, a apoteose é consubstanciada de elementos harmonizadores, de ordem, de uma busca equilibrante diante e de acordo com uma pretensa organização cósmica, manifesta de forma santificada, luminosa, sábia, bem-aventurada.

Nesse sentido, sendo o momento apoteótico um requisito para a etapa seguinte, a saber, “a última benção”. Assim, depois de peregrinar e transpor limiares, enfrentar as mais variadas situações iniciáticas que, não necessariamente, trata-se de obstáculos negativos, em sua maioria, como confirmam os fragmentos supracitados, são “experiências de aprendizado evolutivo (espiritual)” do herói que se deparou mais como um observador participante e etnógrafo, na jornada espiritual de Chico Xavier (André Luiz), é coroado com a “última benção”. Tal etapa final, antes de seu retorno, é recorrente em todos os treze livros analisados.

Para Campbell (2007, p. 163): “A facilidade com que a aventura é realizada aqui significa que um herói é um homem superior, um rei nato. Essa facilidade extingue numerosos contos de fadas, bem como todas as lendas das façanhas de deuses encarnados”. Diferentemente, dos contos de fadas, folclores e mitos de guerra, na saga espírita, as dificuldades não envolvem perigos de morte (pois, já estão desencarnados). Porém, a fórmula campbelliana da jornada do herói, também, faz-se estruturante na saga de André Luiz: “[...] a primeira fórmula é ab-reação em fantasia [...] A segunda é uma projeção [...] A terceira fórmula é a restituição [...]. Outra imagem de indestrutibilidade é representada pela ideia folclórica do ‘duplo’ espiritual [...]”. (CAMPBELL, 2007, p. 164).

O mundo onírico de colônias espirituais, prontos socorros espirituais, regiões umbralinas, instrutores elevados, seres doentes e sofredores, curas e socorros via orações e rogação. Situações, fenômenos similares a duplicadas das relações histórico-sociais humanas (dos encarnados, na perspectiva espírita), isto é, projeções. Que, diante da dialética e dinamicidade mostrada ao longo dos treze livros, exemplifica e se apresenta como uma busca restituidora do divino em cada humano. E por fim, o “duplo” etérico que, além de recorrente em inúmeras narrativas (fantasiosas, míticas, heróicas, religiosas e épicas), aqui é tido como a “realidade concreta” das experiências iniciáticas vividas pelo protagonista.

Veja-se no quadro demonstrativo abaixo:



Quadro 1 – Fragmentos na obra referentes à etapa “última benção” campbelliana

Obreiros da Vida Eterna (livro 4)	Estranho e indefinível júbilo nos vibrava no peito, empolgado de vigorosa esperança, e, depois de atravessar os círculos de baixo padrão vibratório, em que se localizava o instituto de Fabiano, ganhamos região brilhante e formosa, coberta pelo céu faiscante de estrelas!... Saudando-nos de muito longe, o astro da noite apareceu em maravilhos plenilúnio, emitindo raios de doce e evanescente claridade que, depois de nos iluminar o caminho numa pulcritude de sonho, desciam, céleres, para a Crosta da Terra, espalhando entre os homens o convite silencioso à meditação na gloriosa obra do Deus. (livro 4, p. 307)
E a Vida Continua... (livro 13)	Do alto, choviam pequeninas grinaldas azuis, lembrando safiras que se eterizassem, radio-sas, propiciando ao casal venturoso a certeza de que os Planos Superiores lhe endossavam os compromissos e de ângulos ocultos da paisagem vinham melodias de ternura, emoldurando palavras de confiança, em que a Sabedoria do Universo confirmava a perpetuidade da Misericórdia de Deus na vida que, em toda parte, continua sempre mais bela, plena de grandeza, a santificar-se pelo trabalho e a inundar-se de luz. (livro 13, p. 230)

Fonte: autores (2024)

Assim, fica explícito que doze dentre as treze obras que constituem a jornada de André Luiz no mundo espiritual, apresentam características estruturantes de uma narrativa mítica.

Deste modo, depois de realizado todo tipo de façanha, o herói precisa retornar. E esse retorno, em nosso caso específico, é mais apoteótico do que as benções, proteções, instruções e proteções recebidas durante a sua jornada. Isso porque, como assevera Campbell (2007, p. 195):

[...] a norma do monomito, requer que o herói inicie agora o trabalho de trazer os símbolos da sabedoria, [...] de volta ao reino humano, onde a benção alcançada pode servir à renovação da comunidade, da nação, do planeta ou dos dez mil mundos.

Ora, como largamente estudado, a jornada do herói campbelliano não é apenas para ordenar o caótico, harmonizar os mundos. Aqui, na jornada heroica de um espírito que narra sua própria jornada no mundo espiritual, o retorno não é do herói que vem do mundo dos mortos e vive entre os vivos. André Luiz, um espírito, retorna ao mundo físico, dos humanos, ainda em sua condição de desencarnado, expõe a vida cotidiana no mundo espiritual.

Tal condição, conduz-nos a aceitar sua condição de “senhor dos dois mundos”, pois há elementos indicativos disto: “A liberdade de ir e vir pela linha que divide os mundos, de passar da perspectiva da aparição no tempo para a perspectiva do profundo casual e vice-versa [...] é o talento do mestre”. (CAMPBELL, 2007, p. 225)”. Tal liberdade, ainda que limitada a condição e destinação de instrução aos adeptos de seu movimento (os espíritas kardecistas), o protagonista necessita de um mediador entre os mundos, um médium (Chico Xavier) para tornar “público a vida espiritual”.

Mais ainda,



Os mitos não costumam apresentar numa única imagem todo o mistério do livre trânsito. Quando o apresentam, o momento é um precioso símbolo, cheio de importância, a ser tratado como um tesouro e contemplado (CAMPBELL, 2007, p. 225).

Todo mito cedo ou tarde acaba por revelar parcial ou totalmente o véu dos mistérios que separam os mundos. Aqui, em um primeiro momento, parece não haver mistério e/ou simbologias esclarecedoras. No entanto, embora durante toda a sua saga André Luiz não dedique, em nenhum momento nas treze obras, a apresentar de modo claro ou simbólico como se deu e se dá o seu trânsito entre “as duas realidades”, no movimento espírita, em obras paralelas do próprio médium, é narrado como se deram esses contatos entre ambos e como e por que foi tão duradoura essa “parceria” entre o autor (médium) e o autor (espírito).

Tal como os mitos modernos durandianos (DURAND, 2002), que apresentam mitemas das grandes imagens míticas de tempos imemoriais (Frankenstein como mito recorrente de Prometeu), na tentativa de responder à angústia do tempo e ao medo da morte, Aubrée e Laplantine (2009) também, ao inaugurar estudos sobre o espiritismo brasileiro e francês, apresentaram indicativos de ser, também, uma tentativa de enfrentamento dessas duas condições universais que se apresentam ao ser humano.

Igualmente, ao analisarmos o conjunto da obra chcoxaveriana sobre “a vida no mundo espiritual”, na perspectiva de um narrador que vivencia cada situação e fenômeno, antevemos e interpretamos a jornada de André Luiz, que para seus adeptos espíritas é uma evidência e realidade. Por outro lado, “[...] símbolos mitológicos, entretanto, devem ser seguidos em todas as suas implicações antes de abrirem as portas que levam a todo o sistema de correspondência por meio do qual representam, em termos de analogia, a milenar aventura da alma” (CAMPBELL, 2007, p. 246).

Enfim, os últimos sinais de encerramento da jornada são a consolidação do personagem como um herói primordial e/ou humano, duplo estágio no qual “passamos das emanções imediatas do Criador Incriado para as personagens, fluidas e não obstante intemporais, da idade mitológica” que caracteriza o estágio primeiro. E, um segundo estágio é sinalizado quando “passamos desses Criadores Criados para a esfera da história humana” (CAMPBELL, 2007, p. 306).

Deste modo,

Se as façanhas de uma figura histórica real proclamam-no herói, os construtores de sua lenda inventaram para ela aventuras apropriadas nas profundezas. Estas serão apresentadas como jornadas a reinos miraculosos e deverão ser interpretadas como símbolos, de um lado, de descidas no mar de escuridão da psique e, de outro, de domínios ou aspectos do destino do homem que se tornaram manifestos na vida dessas figuras” (CAMPBELL, 2007, p. 312).

Dito assim, André Luiz, por meio de Chico Xavier, em toda sua jornada não apresenta evidências da infância do herói, também não se apresenta como um herói amante, bardo, herói guerreiro, imperador, tirano, no conjunto das treze obras. No entanto, é plausível entendê-lo, reconhecê-lo e classificá-lo como um herói “redentor do mundo” (CAMPBELL, 2007, p. 337), uma vez que se manifesta, através de uma pessoa viva (Chico Xavier), como espírito revelador da vida espiritual (André Luiz), revelando-se assim “herói como santo”. Pois, “Estando além da vida, esses heróis também se acham além do mito. Eles já não



tratam do mito da mesma forma que o mito não pode tratar deles de modo adequado” (CAMPBELL, 2007, p. 338).

Por fim, chega-se ao último grande ato, a etapa última daquele que se pretende imemorial, herói, a saber: a partida. Enquanto a maioria das narrativas míticas se diferenciam entre partida e morte, aqui, a segunda condição não é opção, uma vez que o herói é um ser morto, desencarnado, que vive a vida depois da vida. Tal condição, seria atenuante da grande pergunta “seria a morte o esquecimento para o herói?”:

O último ato da biografia do herói é a morte ou partida. Aqui é resumido todo o sentido da vida. Desnecessário dizer, “o herói não seria herói se a morte lhe suscitasse algum terror; a primeira condição do heroísmo é a reconciliação com o túmulo (CAMPBELL, 2007, p. 339).

A jornada de André Luiz, desde sua primeira página, mostra o assombro da realidade da vida pós-morte e suas correlações com a vida física. Mostra, na ótica espírita, “como são” os dramas da vida humana dos encarnados e dos chamados desencarnados, a angelologia maniqueísta, na qual, de um lado, poucos grupos/equipes do bem trabalham para auxiliar, curar, socorrer e atender à demanda do drama da vida. De outro lado, há uma horda de seres infelizes, sofredores, constrangedores e ignorantes que se comprazem em causar todo tipo de sofrimento aos mais variados tipos de pessoas. Aliado a essa condição, fica evidente o seu destemor diante do terror da morte, uma vez que o herói trilha sua jornada nesta condição, de desencarnado. O que substanciam tais fatos é uma teodiceia e a evocação mítica do herói, no sentido dumeziliano, de guerreiro (DUMÈZIL, 1971).

Assim, resta-lhe apenas a partida e esta é realizada paulatinamente, livro a livro. Até “sua partida” que, ao contrário do que ocorre com os grandes mitos, o seu adeus não é a chegada da morte, mas sim, o retorno à vida.

Nesse sentido, André Luiz não apenas contempla esses requisitos como os extrapola, uma vez que seu trajeto heroico não vence apenas obstáculos, ele enfrenta e vence a maior de todas as angústias humanas, a morte, pois sua narrativa é claramente a história completa de um pós-vida, onde o substantivo e verbo “morte” e “morrer” inexistem (DURAND, 2002).

Nas palavras do mitólogo:

Trata-se do ciclo do herói da época moderna, a prodigiosa história da chegada da humanidade à idade adulta. O fascínio do passado, o cativeiro da tradição foram abalados com firmes e certos golpes. A teia onírica do mito ruiu; a mente se abriu à plena consciência desperta; e o homem moderno emergiu da ignorância antiga, tal como uma borboleta do seu casulo, ou tal como o sol, de madrugada, do útero da mãe noite (CAMPBELL, 2007, p. 372).

Daí, em nosso entendimento, André Luiz ser, não apenas para o movimento espírita brasileiro, mas para o conjunto de culturas espiritualistas modernas ocidentais, por meio do médium brasileiro Chico Xavier, eternizado como herói, no sentido genuinamente campbelliano.



Por fim, algumas considerações...

Enfim, depois de exaustivamente, percorrermos um conjunto de treze livros assinados pelo espírito André Luiz, a partir da psicografia do médium brasileiro Chico Xavier, analisando-as, à luz do esquema analítico inaugurado por Joseph Campbell acerca das redundâncias de determinadas estruturas narrativas nas mais variadas mitologias, religiões e contos, isto é, a jornada do herói. Chega-se ao momento de fechamento do trabalho empreendido com algumas constatações que se fazem imperiosas de serem provocadas. Vejam-se.

Depois de percorrermos o conjunto das treze obras, analisando-as à luz do trajeto do herói, sugere-se a seguinte tese como resposta à pergunta-problema que norteou este trabalho:

O impacto cultural da “Coleção A Vida no Mundo Espiritual” de Chico Xavier, assinada pelo espírito André Luiz, deve-se ao caráter mítico da narrativa elaborada e desenvolvida ao longo das treze obras, vividas e assinadas pelo protagonista André Luiz.

Ao partirmos da pergunta-problema (p. 5), percorremos as treze obras assinadas pelo protagonista da saga, objetivando respondê-la. Nesse sentido, entendemos que o conjunto do trabalho aqui apresentado desnuda e propõe uma resposta - não definitiva, mas uma possibilidade reflexiva sobre o tema -, uma vez que este objeto se encontra no âmago das grandes questões humanas. Nas palavras de Campbell (2007, p. 107, grifos nossos): “Eis nosso problema, na qualidade de indivíduos modernos, ‘esclarecidos’, que foram privados da existência de todos os deuses e demônios por meio da racionalização”.

E nesta cultura da razão, de nosso tempo, “Até hoje, a possibilidade da imortalidade física encanta o coração do homem”. (CAMPBELL, 2007, p. 174), condição que outro grande antropólogo destinou sua vida na elaboração teórico-metodológica do conceito de Imaginário, como resposta técnica e materialidade teórica desta angústia que acompanha o *sapiens*, a morte. (DURAND, 2002) Daí, o herói de hoje, o (pós-)moderno difere essencial e drasticamente de outrora: A tarefa do herói, a ser empreendida hoje, não é a mesma do século de Galileu.[...] A moderna tarefa do herói deve configurar-se como uma busca destinada a trazer outra vez à luz a Atlântida perdida da alma coordenada. (CAMPBELL, 2007, p. 373)

E não foi essa a tentativa elaborada pelos dois paladinos do movimento espírita brasileiro? André Luiz não se configura, através de Chico Xavier, em um herói moderno (médico em vida e no pós-morte) que, diante do tecnicismo ocidental moderno incumbe-se de enfrentar e responder o grande dilema da vida, a Atlântida de nossa época, qual seja: a imortalidade, não do corpo físico, mas de seu “duplo”.

Vemos assim, “O triunfo universal do Estado secular lançou todas as organizações religiosas numa posição tão claramente secundária [...]” (CAMPBELL, 2007, pp. 373-374). Pois, é no conjunto das provocações que se deparou o herói espírita que se identifica a extensão, a continuação dos ditames capitalistas do mundo produtivo, regendo também as relações não mais sociais, históricas e culturais, mas as relações espirituais, apontadas pelos protagonistas (ministérios, pronto-socorro, bônus-hora de trabalho...).

Vemos aí, também a materialização da [...] descida das ciências ocidentais do céu para a terra (da astronomia do século XVII à biologia do XIX), bem como sua concentração, nos dias de hoje, por fim, no homem (na antropologia e na psicologia do século XX) (CAMPBELL, 2007, p. 375).

Se, para muitos, o ponto focal é o homem, este o é no sentido genérico, a menos que consideremos como um passo adiante o fato de que, na perspectiva campbelliana, estejamos considerando a hipótese



de que o “milagre humano” esteja em narrativas míticas de caráter espiritual, como as que Chico Xavier produziu ao longo de mais de 450 livros e, no sentido específico, nas treze obras atribuídas ao espírito (herói) André Luiz.

Em nosso entendimento, vale ainda, lembrar a máxima campbelliana: “As mitologias mais elevadas desenvolvem o papel na grande figura do guia, do mestre, do barqueiro, do condutor de almas para o além” (CAMPBELL, 2007, p. 77).

Ora, não seria esse um elemento que acompanha o protagonista herói do mundo espiritual André Luiz desde seu primeiro livro (*Nosso Lar*), onde é chamado à aventura, até o seu décimo terceiro (*E a Vida Continua...*), quando desfalece e sua “morte” é inversa? Isto é, ele se prepara para “reencarnar” e assim abandonar aquele mundo espiritual, retornando ao mundo material, onde não mais realizará provações como as que narrou ao longo de treze livros (entre 1949 e 1965)?

Mais ainda, em cada obra não há um grande mestre que, cada qual à sua maneira, acaba por realizar o papel de mentor (Clarêncio, Aniceto, Áulus, Zenóbia, Gúbio, Calderaro, Druso)? Tal evidência não demonstra traços e elementos de natureza mítica? Não se trata de uma jornada heroica?

De todo modo, sem esgotar o tema e dando o pontapé inicial para a abertura de novas reflexões e estudos, uma vez que partimos do pressuposto de que o espiritismo se configura como uma religião da letra e do livro (LEWGOY, 2000), analisar de forma específica, pontual ou genérica o conjunto de determinadas obras espíritas postuladas, demonstrou-se um terreno profícuo de reflexões e debates multidisciplinares.

Por fim, se a jornada de André Luiz, em nosso entendimento, apresentou os elementos estruturantes da narrativa heroica campbelliana, o mesmo se dá nas demais grandes obras, atribuídas a espíritos de renomes dentro do movimento espírita brasileiro (Emmanuel, Joana D’Angelis, etc.)?

Assim, nos passos desta indagação encerramos nossa proposta demonstrando e apresentando uma nova faceta deste nicho de estudos culturais, que é o movimento espírita, em torno de sua própria literatura mediúnica, a qual se demonstra carente e sedento de olhares analíticos, debates reflexivos e novos horizontes à espera.



REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Augusto César Dias de. Identidade e fronteiras do espiritismo na obra de Allan Kardec. *Horizonte*. Belo Horizonte, v. 8, n. 16, p. 117-135, jan./mar. 2010.
- ARRIBAS, Célia da Graça. Espíritas e Católicos: os “adversários cúmplices” na formação do campo religioso brasileiro. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 10, n. 15, p. 13-37, jan. /jun. 2009.
- AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. *A mesa, o livro e os espíritos: Gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil*. Maceió: EdUFAL, 2009.
- CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. Trad. Adail u. Sobral. São Paulo: Pensamento, 2007.
- CAMURÇA, Marcelo Ayres. Entre o cármico e o terapêutico: Dilema intrínseco ao espiritismo. *Rhema*, v.6. n.23, p.113-128. 2000.
- CAMURÇA, Marcelo Ayres. Fora da Caridade não há Religião! Breve História da Competição Religiosa entre Catolicismo e Espiritismo Kardecista e de suas Obras Sociais na cidade de Juiz de Fora (1900-1960). *Locus: Revista De História* 7 (1), p.131-157. 2001.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *O Mundo Invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo*. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.
- CORDEIRO, Thiago. “André Luiz: O espírito por trás das cartas psicografadas de Chico Xavier: Ninguém sabe quem o médico André Luiz foi em sua última encarnação, mas há hipóteses”. *Aventuras na História*. (2022). [online]. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/andre-luiz-o-espírito-por-tras-das-cartas-psicografadas-de-chico-xavier.phtml>.
- DAMAZIO, Sylvia. *Da Elite ao Povo: Advento e Expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1994.
- DUMÉZIL, George. *El Destino del Guerrero. Aspectos míticos de la función guerrera entre los indoeuropeos*. Traducción de Juan Almela. Siglo XXI Editores, s. A., 1971.
- DURAND, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário: introdução à arquetipologia geral*. Trad. Hélder Godinho. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- DURAND, Gilbert. Sobre a exploração do imaginário, seu vocabulário, métodos e aplicações transdisciplinares: mito, mitanálise e mitocrítica. *Rev. Fac. de Educação-USP*. v. 11, n. 1-2. (1985), p. 244-256. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/33348>. Acesso em: 25 abr. 202
- GIUMBELLI, Emerson. Heresia, doença, crime ou religião: o Espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais. *Revista de Antropologia*, São Paulo, Brasil, v. 40, n. 2, p. 31–82, 1997. DOI: [10.1590/S0034-77011997000200002](https://doi.org/10.1590/S0034-77011997000200002). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27053>. Acesso em: 3 jun. 2024.
- GIUMBELLI, Emerson. *O Cuidado dos Mortos. Uma História da Condenação e Legitimação do Espiritismo*. Rio de Janeiro; Arquivo Nacional, 1997.
- KARDEC, Alan. *O livro dos espíritos*. Trad. Salvador Gentile. Rev. Elias Barbosa. Araras, SP, IDE, 123º ed, 1999.
- LEWGOY, Bernardo. A transnacionalização do Espiritismo Kardecista brasileiro: uma discussão inicial. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 84-104, 2008.
- LEWGOY, Bernardo. Chico Xavier e a cultura brasileira. *Revista de Antropologia*. São Paulo, v. 44, n. 1, p. 53-116, 2001.



- LEWGOY, Bernardo. *Os Espíritos e as Letras: um estudo antropológico sobre Cultura Escrita e Oralidade no Espiritismo Kardecista*. Tese doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2000.
- LEWGOY, Bernardo. Representações de Ciência e Religião no Espiritismo Kardecista: Antigas e novas configurações. *Civitas*, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 151-167, jul.-dez. 2006.
- MARTINS, Jander F.; WINGERT, Vitória D. Nem amanhecer, nem anoitecer... uma BNCC crepuscular? *CONTRAPONTO(S) (ONLINE)*, v. 23, p. 205-223, 2023. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/rc/article/view/19761>. Acesso: 24/04/2024.
- PRANDI, Reginaldo. *Os Mortos e os Vivos: uma introdução ao espiritismo*. São Paulo: Três Estrelas, 2012.
- SCHRÖDER, Melissa. Quem foi o espírito André Luiz? Supostamente encarnando o espírito, Chico Xavier escreveu seus maiores best-sellers, descrevendo como seria o mundo dos mortos. *Revista Super Interessante*. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/quem-foi-o-espírito-andre-luiz>.
- STOLL, Sandra Jaqueline. *Espiritismo à Brasileira*. Curitiba, PR: Editora Orion, 2003.

Fontes consultadas

- XAVIER, Francisco Cândido. *Nosso lar*. 45ª ed. 1ª reimp. Brasília: FEB, 1944a. (Livro 1).
- XAVIER, Francisco Cândido. *Os mensageiros*. 45ª ed. 1ª reimp. Brasília: FEB, 1944b. (Livro 2).
- XAVIER, Francisco Cândido. *Missionários da luz*. 45ª ed. 1ª reimp. Brasília: FEB, 1945. (Livro 3).
- XAVIER, Francisco Cândido. *Obreiros da vida eterna*. 45ª ed. 1ª reimp. Brasília: FEB, 1946. (Livro 4).
- XAVIER, Francisco Cândido. *No mundo maior*. 45ª ed. 1ª reimp. Brasília: FEB, 1947. (Livro 5).
- XAVIER, Francisco Cândido. *Libertação*. 45ª ed. 1ª reimp. Brasília: FEB, 1949. (Livro 6).
- XAVIER, Francisco Cândido. *Entre a Terra e o céu*. 45ª ed. 1ª reimp. Brasília: FEB, 1954. (Livro 7).
- XAVIER, Francisco Cândido. *Nos domínios da mediunidade*. 45ª ed. 1ª reimp. Brasília: FEB, 1955. (Livro 8).
- XAVIER, Francisco Cândido. *Ação e reação*. 45ª ed. 1ª reimp. Brasília: FEB, 1957. (Livro 9).
- XAVIER, Francisco Cândido. *Evolução em dois mundos*. 45ª ed. 1ª reimp. Brasília: FEB, 1959. (Livro 10).
- XAVIER, Francisco Cândido. *Sexo e destino*. 45ª ed. 1ª reimp. Brasília: FEB, 1963. (Livro 12).
- XAVIER, Francisco Cândido. *E a vida continua...* 45ª ed. 1ª reimp. Brasília: FEB, 1968. (Livro 13).